



## A QUESTÃO DO GÊNERO FEMININO E DA FEMINILIDADE: NASCE OU TORNA-SE?

Manoelly Rodrigues da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

Diante dos diversos questionamentos e imposições acerca do estereótipo feminino e, conseqüentemente, da atribuição de características ao conceito feminilidade, Simone de Beauvoir, trás em seus escritos, reflexões sobre o papel do gênero feminino ao longo da história. Estes atributos naturalizados e alheios à própria construção da mulher, em todo o processo das transformações das sociedades, vêm à tona para a desconstrução e análise, a fim de averiguar as divergências e afastamento da própria mulher que se encontra alienada de sua edificação enquanto Sujeito-Mulher. A reflexão de que o ser mulher está para além da espécie e das características criadas, impondo trejeitos e papéis sociais, é pauta de extrema importância na contemporaneidade e é de grande valia a discussão filosófica para o encorajamento e afirmação da mulher na sociedade, como um ser essencial e parte integrante do todo. Logo, se a construção feminina é um processo, a feminilidade é um atributo do mesmo e, por se tratar de singularidades femininas, a feminilidade é, portanto, parte deste construto que não pode ser dado e sim obtido e recriado. Desta maneira, este trabalho visa à contestação e reconfiguração dos conceitos feminilidade e sujeito-mulher. Este artigo partiu da análise de dados bibliográficos da autora existencialista e a fim de delimitar o estudo e ter uma reflexão filosófica mais aprofundada, nortearmos o texto através de duas teses do livro o segundo sexo para captarmos que a construção das ações se estabelece a partir do sujeito com relação ao mundo que o circunda.

**Palavras-chave:** Feminilidade, Sujeito-Mulher, Desconstrução, Contemporaneidade, Filosofia.

### INTRODUÇÃO

Este presente trabalho tem por objetivo elucidar a noção da feminilidade e do sujeito-mulher, para a compreensão de que o gênero feminino no meio social fora um produto criado e estigmatizado através de um arquétipo, isto é, introduzindo-se características, performances e atributos que se tornaram padrão estabelecido para a definição do que é ser mulher. Simone de Beauvoir, em seu escrito revolucionário, no final da década de quarenta, trás a reflexão da distinção do sexo e do gênero<sup>2</sup>, esta reflexão vem a contestar o modelo e o mito da feminilidade e, conseqüentemente, a associação de uma feminilidade que está impressa *a priori* na natureza da mulher; sabendo-se do estigma que gira em torno da mulher

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, [manoelly\\_silva@hotmail.com](mailto:manoelly_silva@hotmail.com);

<sup>2</sup> Enfatizemos que a autora nos diz isso de forma implícita.

“verdadeira”, como a fragilidade, docilidade, submissão, castração<sup>3</sup>. Interessante pensar, nesta reflexão que Beauvoir trás no seu escrito, *O segundo sexo: fatos e mitos* e *O segundo sexo: Experiência vivida*, O que se compreende por Ser-mulher? Qual a origem das desigualdades entre homens e mulheres? Estaria na própria natureza humana a separação de machos insubmissos, ativos e com caráter de sujeitos na sociedade enquanto que, as fêmeas submissas, castradas, e caracterizadas como o Outro? São perguntas que a Filósofa Francesa contemporânea, existencialista, tenta responder ao longo de seu texto.

O problema proposto pela autora vêm a trazer a contestação, em meio a tentativa de criar e (des)modelar o arquétipo alienado acerca do ser mulher durante o processo histórico humano e busca compreender onde estariam as desigualdades dos gêneros. O que leva a atribuição negativa que os homens elegem a tudo que é direcionado à feminilidade ou à mulher? a mulher sempre em seu caráter de inessencialidade na qual necessita do homem, o ser-essencial para validá-la e torná-la aceitável em uma sociedade dominada por eles mesmos e a da atribuição da mulher como Objeto inessencial<sup>4</sup> e atribuída a característica do não-ser.

Diante dos diversos questionamentos e imposições acerca do estereótipo feminino e, conseqüentemente, da atribuição de características ao conceito feminilidade, Beauvoir, trás em seus escritos<sup>5</sup> reflexões sobre o papel do gênero feminino ao longo da história. Estes atributos naturalizados e alheios à própria construção do Sujeito-mulher, em todo o processo das transformações das sociedades, vêm à tona para a desconstrução e análise, a fim de averiguar as divergências e afastamento da própria mulher que se encontra alienada de sua edificação enquanto sujeito-mulher. A reflexão de que o ser mulher está para além da espécie e das características criadas, impondo trejeitos e papeis sociais, é pauta de extrema importância na contemporaneidade e é de grande valia a discussão filosófica para o encorajamento e afirmação da mulher na sociedade, como um ser essencial, ativo e parte integrante do todo.

A ênfase neste conteúdo evidencia a noção de que os papeis sociais de gênero, níveis de intelectualidade, empregos específicos, não é algo que vêm inseridos na espécie humana, ou seja, não está impresso seja na alma ou na biologia, é na verdade um atributo *a posteriori*<sup>6</sup>,

---

<sup>3</sup> Aqui no Brasil o compositor Mário Lago e o músico Ataulfo Alves recriam exatamente este modelo na música “ai, que saudades da Amélia”, a mulher perfeita criada e estereotipada resigna-se a não contestar o que seu marido exige, submete-se e aceita, com um sorriso no rosto, a irritação de seu marido, que muitas vezes envolve violência física, psicológica e moral.

<sup>4</sup> Conceito utilizado pela autora.

<sup>5</sup> Referência ao livro o segundo sexo que possui duas versões, fatos e mitos e experiência vivida.

<sup>6</sup> Utilizamos este conceito kantiano para estabelecer que a noção de feminilidade não é inata ao corpo e sim um processo que advém da experiência dos corpos.



com a constante e longa naturalização das performances que estão em espécie de caixas associadas à posse de um determinado órgão sexual; as crianças ao serem postas no mundo não possuem em si a teatralidade do agir conforme foi instituído ao órgão que possui, apenas agem, porém a naturalização que se dá, de acordo com seu órgão genital, a confina em um arquétipo, quando se trata da performance feminina à confina e, desta é tirada, inclusive, o direito sobre seu próprio corpo.

Logo, se a construção feminina é um processo, a feminilidade é um atributo do mesmo e, por se tratar de singularidades femininas, a feminilidade é, portanto, parte deste construto que não é dado e sim obtido e recriado. Desta maneira este trabalho visa à contestação e reconfiguração dos conceitos feminilidade e sujeito-mulher, para a compreensão de que, “não se nasce mulher, torna-se mulher”. E, a fim de delimitar o estudo e ter uma reflexão filosófica mais aprofundada, focaremos em duas teses do livro *O segundo sexo* e faremos reflexões do livro por uma moral da ambiguidade.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho foi construído a partir de levantamento bibliográfico e análise de duas teses centrais do livro *O segundo Sexo (Fatos e mitos)* e *O segundo Sexo (Experiência vivida)* e como apoio traremos o livro *Por uma moral da ambiguidade* também de Simone de Beauvoir e *O existencialismo é um humanismo* de Jean-paul Sartre. Por se tratar de linguagem a cerca da noção da feminilidade e da afirmação da mulher em ser um sujeito dentro da sociedade assim como o homem, este trabalho está em devir, ou seja, alguns argumentos aqui apresentados podem vir a ser questionados pelo fluxo e transformações da própria sociedade, além do mais, a noção sujeito-mulher não é próprio de Beauvoir, trouxemos este conceito através do debruçamento filosófico sobre os textos lidos. Salientando por fim que, como se trata de um estudo mais detalhado da concepção de Beauvoir, sobre os conceitos de feminilidade e do gênero mulher, focaremos na polarização de gêneros binários, o que, obviamente, é problemático pelas transformações contemporaneas das linguagens e em como os seres se apresentam ao mundo, mas essa delimitação não será uma deslegitimação dos gêneros que estão para além da binaridade, será uma leitura acerca do que a filósofa em meados dos anos quarenta têm a nos dizer. Tentaremos, pois, não associar ao gênero feminino um órgão genital ou internos em específico.

## Onde estão fundamentadas as desigualdades entre os gêneros?

O que está por trás da caracterização negativa que se dá a qualquer tipo de atributos que são direcionados às mulheres? Por que a estrutura da sociedade patriarcal, à tempos, se utiliza de adjetivos que foram encerrados no gênero feminino como forma de insulto? Antes de responder a estas duas perguntas, salientemos primeiro dois conceitos que aqui serão citados, *sujeito-mulher* e *ser-mulher*; o primeiro é uma forma de contestação e ressignificação da conceituação, que durante a história da humanidade, colocou o gênero feminino como o Outro, como coadjuvante da história e tornando o homem como o centro e sujeito, Desta forma, aqui tentemos, pois, introduzir a mulher no espaço que à muito lhe foi renegado, o espaço do *ser-mulher*. O segundo conceito, que já citei, é o caráter de trazer a mulher como também parte integrante do conceito universal de Ser, que Aristóteles e Parmênides, na Grécia Antiga, filosofaram. E traremos também o que Beauvoir entende por Ser, para que este conceito *Ser-Mulher*, seja remodelado para o *Existente-Mulher*<sup>7</sup>.

A MULHER? É muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la. Na boca do homem o epíteto "fêmea" soa como um insulto; no entanto, êle não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: "É um macho!" O termo "fêmea" é pejorativo, não porque enraíze a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo[...] (BEAUVOIR, 1967, p. 25, II)

Esclarecendo estes dois pontos, voltemos às perguntas que, inevitavelmente, serão respondidas pela própria autora. Em primeiro lugar, Beauvoir percebeu que os epítetos que eram, de forma naturalizada, direcionados às fêmeas, possuíam uma carga de negatividade pelo fato de que, a mulher sempre foi vista como inferior intelectualmente, socialmente, economicamente; como uma nota de rodapé, castradas por não possuírem o falo, e de não-essenciais por não serem capazes de pensar por si só, estes adjetivos, foram construídos por décadas, para menosprezar a caracterização de um Sujeito-Mulher e suas tentativas de alçar voo contra o sistema patriarcal. Desta maneira, para deixa-las de lado e tudo que as lembrassem, homens e até mesmo as próprias mulheres, perpetuaram o sexismo que envolviam sua espécie, trazendo consigo o peso, de forma ditadora, de moldar os gêneros transformando-os em padrões a serem seguidos. Ou seja, a mulher continuaria a ser rejeitada e

---

<sup>7</sup> Mais a frente explicaremos a diferença entre Ser e Existente na própria autora.



tudo que à lembrasse e, os homens continuariam a beneficiar-se com seu despotismo encerrado na própria construção *a posteriori* de gênero.

A primeira tese que iremos refletir está no seguinte questionamento da filósofa: “Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade. Será esta secretada pelos ovários? Ou estará congelada no fundo de um céu platônico?” (BEAUVOIR, 1967, p.7 I). Este questionamento estabelece dois grandes eixos para se compreender onde estariam as desigualdades de gênero, isto é, qual a origem da própria noção de feminilidade e que faz da mulher Ser mulher? Ao longo do texto a autora trás vários indícios de que, diferentemente do que muito foi difundido na história, estas desigualdades são fruto de uma construção que nos foi encucada para ser edificada, regada e “cuidada” afim de perpetuar o *status* daqueles que estavam no poder, para que não decaísse.

Portanto a ideia de que a feminilidade, que fora sempre associada à fêmea, na verdade não é carregada nos órgãos que são atribuídos às mulheres<sup>8</sup>, ou seja, esta feminilidade estaria em uma conceituação platônica; o filósofo Platão defendia que, existiam dois campos para a apreensão das coisas, um era o campo sensível do qual se via apenas irrealidades e sombras e o campo inteligível, no qual teorizou seu estudo das ideias universais, para cada coisa que víamos no campo sensível, existia uma ideia universal, perfeita e eterna que só poderia ser captada no campo inteligível, isto é, esse conceito de feminilidade é uma ideia universal e, as mulheres performam esta conceituação, que também se torna um construto alheio à própria mulher.

Segundo a autora, enquanto seres embrionários e depois colocados no mundo, estes não possuem, portanto, uma masculinidade ou feminilidade impressa em sua espécie e nem uma forma específica de agir no mundo, ela diz:

[...]O drama do nascimento, o da desmama desenvolvem-se da mesma maneira para as crianças dos dois sexos; têm elas os mesmos interesses, os mesmos prazeres; a sucção é, inicialmente, a fonte de suas sensações mais agradáveis; passam depois por uma fase anal em que tiram, das funções excretórias que lhe são comuns, as maiores satisfações; seu desenvolvimento genital é análogo; exploram o corpo com a mesma curiosidade e a mesma indiferença; do clitóris e do pênis tiram o mesmo prazer incerto [...]. (BEAUVOIR, 1967, p. 9, II)

---

<sup>8</sup> Aqui utilizamos a noção da cisgeneridade, mas a autora não especificou este campo e por sua obra não trazer a temática da transgeneridade, utilizo para não agredir as mulheres que estão para além da cisgeneridade, desta forma, não encerro a conceituação de mulheres apenas aos órgãos genitais ditos serem pertencentes às mulheres cis, visto que, possuir um pênis ou uma vagina não define a que gênero uma pessoa identifica-se.

Ou seja, estes seres possuem a mesma vontade seja no descobrimento de si, no amamentamento, na interação com os adultos a sua volta e que o início desta “diferenciação” se dá ao passo que estes mesmos adultos impõem peculiaridades naturalizadas e distinções entre o corpo que possui uma vagina e o outro que possui um pênis, ou seja, dão valores antagônicos aos órgãos sexuais e fechando-os em caixas com atributos que vão desde a noção da mulher-frágil ao homem-viril. Deste modo, há uma espécie de imposição consciente ou inconscientemente sobre as crianças a fim de diferenciá-las e que, desta forma, cada gênero possui suas funções na sociedade e absorvem estes atributos moldados. Logo, segundo a autora, as desigualdades entre os gêneros<sup>9</sup> se estabelece enquanto perpetuação de uma relação de poder em que um gênero opressor, masculino, oprime um gênero oprimido, o feminino.

### **Ninguém nasce Mulher: Torna-se Mulher**

Importante lembrar que, Beauvoir escreve *O Segundo Sexo* no final da década de quarenta e, pelo seu contexto, seu escrito não englobou questões atuais do final do século XX, como o estudo LGBTQIAP+. Salientemos também, que a filósofa escreve seu livro inserido na binaridade dos gêneros. Esta falta de compreensão do contexto histórico implica na interpretação de que, Beauvoir, quis falar a respeito das mulheres transexuais e travestis<sup>10</sup>, estaríamos fazendo um anacronismo. Beauvoir, como havia mencionado no tópico anterior, acreditava que as desigualdades de gênero estariam na relação de que, um lado o gênero opressor exercia seu poder social sobre o outro lado, do oprimido<sup>11</sup>. Desta maneira, Beauvoir defende que, o ser mulher ou ser homem não é um atributo que provinha *apriori* nos genes ou impressos na alma humana, mas um conceito que já fora criado sim, *apriori*, porém sem caráter biológico e sim sócio-histórico, para definir e perpetuar a força do gênero que possuía valor do que não possuía. Portanto, Beauvoir diz:

NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o

---

<sup>9</sup> Enfatizemos que se trata da binaridade.

<sup>10</sup> A filosofia nos permite que leiamos escritos antecessores a nós e utilizemos os mesmos para apreender nossa atualidade, o que queremos deixar bem nítido aqui é: Simone de Beauvoir não está reivindicando corpos transgêneros e travestis, visto que, a sua pauta além de estar focada na binaridade, não havia especificidades acerca dessa reconfiguração do olhar para os gêneros além de polarizações.

<sup>11</sup> Segundo a autora, os homens também sofrem com a necessidade de afirmar-se enquanto racionalidade, enquanto virilidade, pois, todos aqueles que não encaixam-se nesse padrão estabelecido pela sociedade lhe é questionado, inclusive, sua condição de ser homem.



conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 1967, p. 9 II)

Esta tese foi uma grande revolução para a segunda onda feminista, e esta é a segunda tese para a reflexão deste artigo. Aqui a filósofa expõe não só sua teoria a respeito da construção feminina como o da própria liberdade, isto é, o ser ao colocar-se no mundo não têm incorporado sequer trejeitos das especificações de gênero que já se encontra moldado no mundo já dado. Aqui, percebe-se dentre algumas leituras, duas fundamentais, a primeira de que o Sujeito-Mulher ao ser posto no mundo, não possuía a essência-mulher, ao passo que este ser, que se encontra ainda em estado de não-racionalidade<sup>12</sup> é ensinado, modelado e lhe é encucado os papéis sociais cujo seu sexo, ou seja, seu órgão genital, pré-determinadamente deve estabelecer a maneira que deve-se portar.

Uma outra leitura que pode ser feita através do contexto da autora e de sua posição filosófica enquanto corrente filosófica existencialista, pode ser a de que, o não nascer mulher, implica, necessariamente, que não se nasce homem também, pois, os existencialistas ateus, como Sartre acreditam que: “A existência precede a essência” (SARTRE, p. 7) ou seja, o ser humano, antes de qualquer adjetivo, ou essencialidade, é colocado no mundo e posteriormente constrói-se por meio da liberdade que se instaura em seu ser ao engajar-se no mundo. Ou seja, só se é homem ou mulher a partir do momento que o ser engaja-se, seja inclusive na perpetuação dos estereótipos já criados. Este ser humano, dotado de liberdade, diz Sartre, é condenado a ela, sendo a finalidade última do ser humano. Esta leitura arrisquemo-nos a pensar, pelo posicionamento de Beauvoir diante do mundo e de suas obras, isto é, o ser humano faz a si e fazendo a si, ele deve ter em sua plena consciência que faz o mundo também.

## **Sujeito-Mulher: Ressignificação e não resignação**

Beauvoir reivindica o corpo e ao reivindicá-lo ela pretende afirmar a mulher não alheia a este, mas completa, ou seja, ela contesta e nos mostra argumentos para uma ressignificação do Sujeito-Mulher que outrora, vista como objeto, reivindica seu espaço como parte integrante do mundo. Neste contexto, a reivindicação da significação do conceito

---

<sup>12</sup> Aqui entendam a “não-racionalidade” a partir de uma construção lógica do pensar, sendo a criança em seus primeiros anos de vida carente deste raciocínio.

Mulher, passa a ser uma forma, inclusive, de combater a sociedade patriarcal que ao enclausurar as mulheres em adjetivos que a menosprezam, alienam-na de sua própria construção ao ditar como deve ser uma “verdadeira mulher”. Neste processo a resignação da mulher é contestada. Esta, segundo a autora, foi ensinada a resignar-se diante de seus opressores. E por ser algo inserido em suas mentes ao longo de sua infância, seguida da adolescência e posteriormente da fase adulta, tornou-as submissas.

É necessário haver, portanto, uma ressignificação da mulher que passa a ser Sujeito na sociedade que a diminui, que a põe no lado do Outro, nunca de uma figura protagonizante da história humana. Beauvoir contesta a feminilidade que tanto é atribuída à fêmea, a necessidade incessante que esta deve afirmar-se enquanto ser possuidor de uma feminilidade criada e esteriotipada. Uma mulher que não trás consigo a feminilidade é contestada, Beauvoir trás em seu escrito, de forma implícita, que há diferença entre sexo e gênero, o primeiro a autora indica ser um fator biológico e que este não implica no segundo, sendo o segundo um fator resultante da construção *a posteriori*. E ao longo de seu texto, a filósofa salienta que essas introjeções que se dá aos papéis que homens e mulheres devem ter no seio da sociedade, acabou tornando inerente o sexo com o gênero, mas o fato é de que ao ser postos neste mundo os seres, no caso as crianças são bombardeadas de moldes sociais a fim de ajustá-los de acordo com suas características fisiológicas, que seriam os órgãos genitais.

A criança escapa normalmente à angústia da liberdade, ela pode ser a seu gosto, indócil, preguiçosa, seus caprichos e seus erros só dizem respeito a ela, eles não pesam sobre a terra[...]ela pode fazer tudo o que quiser, sabe que nada jamais acontecerá através dela, tudo já está dado; seus atos não engajam nada, nem mesmo a ela própria. (BEAUVOIR, 2005, p. 36)

Nesta fase da vida humana, o ser humano se vê diante de um mundo já dado, porém desconhecido. Este ser necessita absorver a complexidade do que é sua própria existência e do que lhe rodeia, entendendo que, apesar do mundo *está aí*, a construção e o desvelamento de seu Ser, está em suas próprias ações dentro deste mundo. Beauvoir salienta: “ é a adolescência que aparece como o momento da escolha moral” (2005, p. 39) aqui a escalada da tomada de consciência avança, como a consciência-de-si Hegeliana, a noção da própria liberdade e da coletividade, começa a mostrar-se na adolescência, segundo a autora, aqui estabelece-se também a moral como o fator preponderante para a tomada de consciência em sua completude, para assim compreender-se enquanto um existente livre. ou seja, “Querer o desvelamento do mundo, querer-se livre, é um único e mesmo movimento” (2005, p.25).



Uma ação necessariamente irá guiar o ser para o que ele realmente é? Ou na verdade a construção social de terceiros permite com que as crianças, por exemplo, comportem-se de tais formas que lhe caracterizariam meninos e meninas? De fato, o existencialismo estabelece a escolha como algo iminente ao ser, isto é, o ser só torna-se o que é, através de suas escolhas, de suas decisões projetadas e engajadas diante de si e da sociedade, o que acontece, de fato, é que ao serem postos ao mundo, as crianças são encaminhadas para uma espécie de agrupamento, e dentro deste agrupamento existem normas de condutas que estabelece tanto os meninos quanto as meninas, deverão agir. Mas, para que entendamos o processo de Ser mulher para uma Existente-Mulher que aqui podemos ter como sinônimo o Sujeito-Mulher está no que a autora vai chamar de desvelamento do ser: “Minha existência não deve captar o ser, mas desvela-lo; o desvelamento é a passagem do ser à existência” (BEAUVOIR, 2005, p. 30)

Desta forma, a ressignificação dos conceitos tanto da mulher quanto do homem são imprescindíveis para uma reelaboração dos mesmos e da maneira como estes agirão no mundo, usando de sua liberdade para determinar seus gostos e mostrar suas habilidades em um meio mais justo que lhes darão oportunidades para construírem-se enquanto existentes no mundo, desvelando-o e tornando-os partícipes e protagonistas da evolução humana.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Logo, pensar em feminilidade é pensar em um elemento construído para além dos próprios corpos e de suas transformações dentro da sociedade, a feminilidade, como muito bem conceituou Simone de Beauvoir, é um produto criado e abstrato, e que as mulheres precisam trazê-lo para a concretude, como forma de parodiar uma forma universal. Para que venhamos a questionar esse produto e que nós mulheres diversas possamos existir no mundo em nossa singularidade é necessário que se tome consciência e que cada vez mais identificadas pelas demandas de nossas companheiras, possamos construir, através da resistência e oposição ao que nos é atribuído, reivindicar direitos que são dados apenas aos homens, no caso a noção abstrata do que é homem, é nessa tomada de consciência torna a Mulher um Existente-mulher pois, “existir e fazer-se falta de ser, é lançar-se no mundo” (BEAUVOIR, 1947, p. 40), ou seja, a partir do momento que o Sujeito-Mulher se percebe enquanto parte deste todo e a reivindicar com voz grave, seus direitos, estas desvelam-se e desvelam o mundo, tiram toda capa e tudo o que tornava sua visão de si e do mundo, difíceis,



lança-se neste mundo enquanto existente e extrapola as noções impostas pela estrutura dominante.

A relação de poder tornar difícil a tomada de consciência a respeito das noções impositivas de gênero, é uma forma de validar as diferenças entre homens e mulheres a fim de tornar, a mulher submissa ao homem e ao dever de procriação<sup>13</sup> impedindo-as(os) seu próprio exercício de liberdade e de construção individual. A noção de que o gênero não se situa num conceito pré-estabelecido pelos seus órgãos sexuais e que, não há de fato, em um âmbito universal, ações performáticas impressas no sexo, significa que, o papel social exercido desde a infância é um construto naturalizado e no caso para a mulher, é mais impactante pois esta é encerrada em atributos inferiorizados e desumanizantes.

Desta forma, enquanto as mulheres e homens não se lançarem, não se perceberem enquanto aqueles que devem buscar a clarividência de si e logo tornar-se existente, não conseguirão, no mundo, tomar consciência da grande tarefa em perceber-se enquanto existente-livre, estes encontrar-se-ão ainda como Ser, entendendo-se o Ser<sup>14</sup> como aquele que não desvelou-se e que necessita do conhecimento para esse desvelamento. E, para finalizar, enquanto a mulher não aperceber-se de seu confinamento em sua natureza e em papéis que foram construídos para castrá-las, não poderão entender-se enquanto Existente-mulher, logo, a educação e o acesso são fundamentais para a tomada de consciência, precisamos disseminar o feminismo para que nossos corpos performem liberdade e movimento constante.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: A experiência vivida*. Tradução: Sérgio Milliet. 2ª edição. São Paulo: difusão europeia do livro, 1967. II

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução: Sérgio Milliet. 4ª edição. São Paulo: difusão europeia do livro, 1970. I.

BEAUVOIR, Simone. *Por uma moral da ambiguidade seguido de Pirro e Cinéias*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução: Rita Correia Guedes. Fonte: Les Éditions Nagel, Paris, 1970.

---

<sup>13</sup> E com isso, diminui mulheres que não podem ou não querem ter filhos

<sup>14</sup> Esta referência encontra-se no livro “por uma moral da ambiguidade” onde a filósofa investiga sobre a liberdade. Este livro foi publicado pela primeira vez no ano de 1947, ou seja, seu linguajar ainda remonta muito a totalidade dos seres humanos ao caráter androcêntrico de Homem. Fizemos, portanto, uma adaptação do pensamento da autora inserindo o conceito de Mulher também.